

CAROL BENSIMON

Todos nós adorávamos caubóis



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Carol Bensimon

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa von Randow

Imagem de capa

Roberta Sant'Anna

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Isabel Jorge Cury

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bensimon, Carol

Todos nós adorávamos caubóis / Carol Bensimon. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2336-0

1. Ficção brasileira I. Título.

13-09307

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Tudo o que fizemos foi tomar a BR-116, passando sob pontes com slogans de cidades que não tínhamos a mínima intenção de visitar, ou que falavam na volta de Cristo e na contagem para o fim do mundo. Deixamos para trás as ruas suburbanas cujo início é marcado pela rodovia, que depois vão se perder em um parque industrial e nos casebres jogados em volta de um arroio, onde os cachorros vadios se arrastam e quase nunca latem, e seguimos, seguimos até a reta virar curva. Eu dirigia. Julia estava com os pés sobre o painel. Eu raramente podia olhar para ela. Quando ela não sabia a letra das músicas, cantarolava. “Tu mudou o cabelo”, eu disse, olhando de relance para a franja dela. Julia respondeu: “Há mais ou menos dois anos, Cora”. Nós rimos enquanto subíamos a serra. Isso foi o começo da nossa viagem.

Meu carro tinha ficado sem uso por um bocado de tempo, debaixo de uma capa impermeável prateada, como um grande segredo que você não consegue esconder ou como uma criança que tenta desaparecer colocando as mãos na frente dos olhos, dentro da garagem, rodeado de cacarecos, na casa da minha mãe.

No princípio, ela estava louca para dar um jeito nele. É um mau negócio deixar um carro parado por todo esse tempo, dizia, embora entendesse muito pouco de negócios, e menos ainda de se livrar das coisas. Morava em uma casa que já me parecia grande demais quando ainda éramos três. Ao abrir certos armários dessa casa, você podia encontrar toda a evolução da indumentária feminina desde meados dos anos 60. Lindos casacos, lindos vestidos que não cabiam mais na minha mãe. Sobre o carro, fui direta. Eu disse: “Talvez eu volte”. Podia sentir sua respiração atravessando o oceano e quase naufragando antes de reencontrar a terra firme. Talvez fosse um erro dar alguma esperança a uma mãe solitária, uma vez que, naquele momento, eu sequer considerava a possibilidade de voltar. Nunca mais falamos sobre o carro.

Três anos depois, eu estava de volta, e encontrei a garagem mais cheia do que nunca, de modo que mal podia ver as lajotas cor de telha do piso, porque havia caixas de todos os tamanhos, sacolas repletas de papéis, havia rolos de poeira, um aquecedor elétrico, uma pequena bicicleta, um frigobar sem um pé. Tinha a impressão de que, com a ponta do indicador, eu podia escrever “lave-me” no ar. Empurrei as portas sanfonadas de madeira e deixei que a luz entrasse. Durante algum tempo, fiquei olhando para a rua. Não era mais a mesma rua, quer dizer, era a mesma rua mas, no lugar das casas dos meus amigos de infância — onde eles estavam agora? —, tinham erguido um prédio. Assustava-me pensar que as preferências estéticas de alguém podiam estar resumidas naquele mastodonte branco de dezessete andares, que se destacava na quadra como uma mulher nua em uma congregação de freiras ou como uma freira no I Encontro Brasileiro dos Praticantes do Poliamor.

Havia, além disso, outras mudanças sutis naquele pedaço de rua. Elas no entanto não datavam dos últimos três anos, os três anos que eu tinha passado longe de Porto Alegre e daquela casa,

quando poucas vezes imaginei meu retorno e a cansativa lista de comparações que por certo resultaria dele. Por algum motivo, eu estava era tentando reconstituir a rua da minha adolescência, e minha dificuldade nessa tarefa me fez pensar nos livrinhos vendidos em Roma nos quais é possível ver, através da sobreposição de duas imagens, o que havia de grandioso onde hoje só há restos de colunas, blocos de mármore ou uma considerável extensão de grama.

Então entrei de novo na garagem. Tirei a capa impermeável de cima do carro. Estava realmente limpo. Um corpo estranho azul metálico no meio de toda aquela confusão empoeirada. A bateria, no entanto, ou fosse o que fosse, tinha ido para o brejo.

Mesmo que o carro não pudesse sair dali naquele momento, eu ajustei o encosto do banco e continuei sentada. Por pouco não coloquei as mãos sobre o volante. Mas carros não eram minha obsessão. Eu não preencheria com a palavra *carros* nenhum formulário eletrônico que estivesse tentando mapear minhas áreas de interesse. Você me pergunta qual o modelo daquele que acabou de passar, eu nunca saberia dizer. Era a mobilidade que me atraía, a mobilidade como fim. E eu estava pensando em como isso fica evidente quando o carro lhe é apresentado, até que aos poucos tudo muda e ele atinge, por assim dizer, sua funcionalidade plena, sua razão de existir: levá-lo do ponto A para o B da maneira mais rápida e mais confortável possível.

Aos dezoito anos, ao contrário, dirigindo seu primeiro carro, a carteira de habilitação em um invólucro de plástico irretocável e aquela foto ridícula com o corte de cabelo do qual você vai se arrepender depois, o que você quer é rodar pelas pistas livres da madrugada sem jamais chegar a um ponto B. Ou melhor, seu ponto B é um álbum a ser escutado na íntegra, seu ponto B é o lago que você olha enquanto fuma, com todos os amigos que puderam caber no banco de trás. O estranho é que conservar esses

hábitos depois do prazo de validade fará com que eles pareçam, aos olhos dos outros, um mero rastro de excentricidade de alguém que não soube crescer.

Isso era o tipo de coisa que podia me deixar irritada. Minha mãe entrou na garagem enquanto eu me lembrava dessas coisas. Pelo espelho retrovisor, vi que ela passava os dedos pelas caixas cobertas de pó, a cabeça baixa dando a impressão de que lia o que pudesse estar escrito ali, como se até aquele instante ignorasse o conteúdo das caixas ou sequer soubesse o porquê de elas estarem empilhadas na sua garagem. Saí do carro e fiquei esperando ela se aproximar. Ela me deu um dos seus sorrisos fora de contexto. “Não tá pegando?” Era bastante comum que uma má notícia saísse da boca da minha mãe acompanhada de um sorriso. Não por maldade, pelo contrário; havia uma certa noção compensatória nisso.

“Acho que seria um milagre se pegasse”, eu disse.

Nós concordamos que não poderia ser nada sério, um mecânico era capaz de resolver o problema com uma girada de chave inglesa. Continuamos paradas ali. Eu olhei em volta. Engraçado não me lembrar daquela pequena bicicleta. Ninguém além de mim tinha sido criança naquela casa.

“A Julia vai viajar contigo?”

“Aham.”

“Achei que vocês tinham brigado.”

Era uma bicicleta com rodinhas, e havia uma buzina presa ao guidom.

“Achei que vocês não se falavam mais. Vocês brigaram uma vez, não brigaram?”

“É. Mas tá tudo bem agora.”

Perguntei o que havia dentro de todas aquelas caixas. Minha mãe ergueu as sobrancelhas e olhou para baixo. Eram papéis que ela tinha recolhido do escritório. Abriu uma caixa, como

se fosse preciso ilustrar o que estava dizendo. Vi um pedaço de uma pasta bege com a etiqueta “faturamento 2002”. Provavelmente a caixa estava cheia de pastas como aquela até o fundo. Só os anos mudavam.

“Tu sente falta do escritório?”

Ela pensou.

“Sinto falta de sair de casa.”

Liguei para Julia quatro dias depois, de um posto de gasolina. O céu estava azul, era sábado, as nuvens iam deslizando até se desmancharem. Pedi a ela que me esperasse na frente do hotel. Logo o frentista terminou de encher o tanque, e eu parti.

Todas as ótimas ideias já pareceram más ideias em algum momento.

Julia estava ficando em um desses hoteizinhos do centro. Não os tão decadentes a ponto de se tornarem bonitos, mas um do tipo funcional, próximo à rodoviária, frequentado por executivos com ternos que sobram nos ombros. Havia uma meia dúzia deles logo na entrada, entoando risadas altas enquanto se deslocavam sobre o tapete vermelho um tanto gasto no meio e bem conservado nas bordas. Um conjunto de palmeiras falsas, além disso, cujas folhas de plástico pareciam mais rígidas do que *tupperwares*, dava boas-vindas tropicais a quem chegasse de carro à porta principal. Julia me esperava ao lado de uma dessas palmeiras. Usava uma jaqueta jeans com os botões fechados até em cima e uma calça *skinny* bordô. Tinha mudado o cabelo de forma radical; levemente ondulado, ele caía até os ombros, e sobre a testa havia uma franja considerável, que chegava quase a encobrir suas sobrancelhas. Nem com um milhão de chances seria possível adivinhar que essa garota tinha crescido no interior do Rio Grande do Sul.

Julia mordia as cutículas. Isso não havia mudado. Quando me viu, a ponta do dedo saiu do meio dos dentes, ela acenou, agarrou a alça da mala e veio na minha direção. Desci do carro. Ela era de Soledade, a Capital das Pedras Preciosas — todas as cidades do interior precisam se autoproclamar capital de alguma coisa, e é claro que a razão da sua singularidade é obrigatoriamente um motivo de orgulho para seus habitantes, de modo que não havia em Soledade quem não visse em um porta-copos de ametista ou em um obelisco de quartzo rosa uma arte das mais sensíveis e belas.

Recebi um abraço demorado e um “Paris te fez bem”, frase que achei melhor rebater apenas com um sorriso do tipo padrão. A alguns metros de distância, um homem usando bombachas olhava para a gente com certo interesse triste.

Por alguns instantes, fiquei imaginando como seria se ela também estivesse lá, no pequeno apartamento da Rue du Faubourg du Temple, de onde se ouvia uma maçaroca de vozes de chineses no que podia ser apenas suas tarefas regulares, mas que ganhava contornos tensos pelo fato de que eu não era capaz de perceber nenhuma diferença nas suas entonações. Julia certamente teria gostado dos grandes bulevares e dos detalhes dourados da fachada da ópera e de um doce em seis camadas perfeitas e brilhantes na vitrine da confeitaria tanto quanto de uma estação de metrô necessitando uma remodelagem urgente e de um mendigo bri-guento levantando o dedo para uma velha senhora. Era uma garota adaptável, que tirava o melhor de tudo que você apresentasse a ela. Leve-a para qualquer cidade do mundo e, ao cabo de três meses, ela estará dizendo que aquele lugar é a sua casa.

Levamos a mala de Julia até a traseira do carro e a ajustamos no porta-malas, quando houve tempo para trocarmos algumas perguntas e respostas banais sobre como andavam minha vida e a dela. Paris é linda, Montreal é gelada, o curso tá legal. De-

pois entramos no carro. No dia anterior, eu havia comprado um mapa rodoviário do Rio Grande do Sul. Eu não tinha um GPS porque receber qualquer tipo de instrução não combinava com a ideia daquela viagem. Queria um mapa no qual pudéssemos circular nomes de cidades com caneta vermelha, e que começa a rasgar nas dobras quando as viagens são longas. Julia olhou para ele com um pequeno sorriso e fechou a porta.

“Pra onde a gente vai primeiro?”

Respondi que íamos para Antônio Prado, na serra. Julia começou a desdobrar o mapa.

“Mas tu nunca foi pra lá, certo?”

“Nenhuma de nós foi pra lá.”

O ponto final da minha tentativa de frase impactante coincidiu com o clique do cinto de segurança, o que só a deixou ainda mais ridícula. Para que não ficasse ressoando, emendei, quase sem respirar: “E os teus pais?”

Ela riu.

“Ah, eles ficaram meio furiosos. Magoados, na verdade.” Julia olhava o mapa, como alguém que folheia uma revista desinteressante em uma sala de espera. “Mas eu não me importo com isso como antes, sabe? Eles foram morar na praia.”

“Eu sei.”

“Lá é lindo, mas não tem o que —”

Fomos interrompidas por uma série de três batidas na minha janela. Olhei e reconheci o cara das bombachas. Ele era a única pessoa que havia sobrado de todo aquele burburinho do início, além de dois funcionários usando quepes típicos de quem manobra carros, mas que sem dúvida pareciam remeter a outra coisa, talvez a dois garotos fantasiados para um baile de Carnaval da Sociedade Amigos de Tramandaí. Baixei o vidro.

“Essas tuas botas são de homem”, ele disse, apontando para dentro do carro, o dedo indo e voltando duas vezes. Pela sua expressão, minhas botas pareciam ter acabado com o seu dia.

Um tanto chocada, olhei para meus próprios pés a fim de conferir o que era mesmo que eu usava, e eram meus coturnos Doc Martens, pelos quais eu havia pagado uma pequena fortuna em uma loja da marca em Paris. Aquele par de sapatos tinha um pequeno altar reservado em quase todos os movimentos da contracultura, mas era demais esperar que tal carga simbólica penetrasse na carcaça cansada de quem no máximo tinha visto coturnos protegendo os pés dos policiais militares que atiram bolas de borracha em tendas do MST. Este é o problema da moda: você depende dos outros. Se eles não entenderem a mensagem, todos os seus esforços vão por água abaixo.

Dei um risinho resignado.

“Acho que o senhor não é um especialista em moda.”

Então fiquei encarando seu rosto precocemente enrugado e senti quando Julia encostou a mão na minha perna e ouvi quando ela disse baixinho para irmos embora dali. Alguns minutos depois nós já estávamos deixando a cidade pela BR-116, uma linha cinza e barulhenta que acompanha os trilhos do trem, cortando os subúrbios ao meio e que, como qualquer saída de qualquer grande cidade brasileira, deixa evidentes os esforços do país em se parecer com os Estados Unidos, mas mais evidente ainda o absoluto fracasso dessa missão.

Eu ainda estava impactada pelo episódio do homem das bombachas, embora tivesse as mais fortes convicções sobre moda e estilo, sobre gêneros e sobre a cartilha da vida. Mas ler *O segundo sexo* ou seja lá o que for não o faz ficar imune a opiniões tolas. O que mais me incomodava, na verdade, era não saber exatamente o que Julia pensava a respeito. Está certo que ela tinha descarregado sua raiva depois de o carro partir (“Não acredito que ele bateu na janela só pra dar uma opinião sobre as tuas botas!”). Está certo que tinha deixado claro que eu não devia ligar para as palavras de um desconhecido (“Que sotaque

era aquele, meu Deus!”) e que, além disso, ela pensava muito diferente (“Eu adorei as tuas botas”). Mas aquele excesso de manifestações acabava surtindo o efeito contrário, o de aumentar minha desconfiança.

Enquanto isso, do lado de fora, os prédios à beira da rodovia pareciam estar sendo consumidos pela fuligem, avariados por uma espécie de erosão urbana na qual dois segundos eram equivalentes a centenas de anos. Sobre alguns deles, havia placas de publicidade com modelos amadoras em posições um tanto grotescas, na tentativa desesperada de parecer atraentes. Se alguém surgir em uma dessas janelas, pensei, vou sentir uma pontada fatal de comiseração.

“Tu não faz ideia do que tava acontecendo no hotel”, disse Julia, e eu estava disposta a continuar aquele assunto, fosse qual fosse, até que resgatássemos nossas reservas de intimidade, congeladas alguns anos antes.

“A mínima ideia.”

“Um encontro de criadores de chinchila.”

Ela começou a rir como aquelas pessoas que riem sozinhas enquanto caminham, e você nunca sabe se isso tem alguma relação com o fato de elas estarem com fones de ouvido (o que podem estar escutando de tão engraçado?). “Eles tavam negociando peles com um *sérvio*. Na verdade, dois sérvios, pai e filho. E o adolescente era o especialista.” Julia pegou meu iPod. “Como se conecta isso?”

“Naquele cabo ali”, apontei. “Mas, por favor, continua.”

“Só vai melhorar.”

“Imagino.”

A alegria sem nuances de uma banda *indie* escorregou dos alto-falantes como um líquido viscoso. Pensei: tudo bem guardarmos a boa música para quando sairmos do perímetro urbano. Então ela seguiu com a história das chinchilas, excepcionalmen-

te longa e saborosa. Havia acompanhado quase toda a transação à distância, encostada na entrada da sala de convenções enquanto os criadores se revezavam diante dos sérvios. Eles carregavam malas e em seguida as abriam sobre uma grande mesa, e as malas transbordavam com as peles, tipo chinchilas planificadas, chinchilas em duas dimensões, entende?, dizia Julia, ao que respondi que sim, infelizmente conseguia imaginar. “Então o guri pegava as peles uma por uma e dava uma sacudida nelas. Às vezes ele soprava. Acho que era assim que ele descobria se era uma pele boa ou uma pele ruim. Depois cada uma recebia uma etiqueta com um valor. Eles separavam em pilhas. Tantos dólares nessa, tantos dólares na outra, e no meio de tudo estava uma tradutora ruiva, tentando fazer os caras se entenderem, mas às vezes alguém se exaltava, batia na mesa, e ela parecia completamente perdida.”

Eu tinha subido a serra muitas vezes, quando era criança e meus pais ainda carregavam um bocado de energia. Naquela época, o dinheiro entrava sem que eles precisassem se esforçar muito, transformando-se em bonecos articulados das Tartarugas Ninja e serviço de quarto em hotéis cinco estrelas. Nunca pedi um irmão. Meu pai era otorrinolaringologista, vinte e duas letras, cinco a menos que inconstitucionalissimamente, embora ele insistisse que sua profissão era a maior palavra da língua portuguesa.

“Cora, escuta. *Inconstitucionalissimamente* é um advérbio.”

“E daí?”

“Daí que não tá nem no dicionário.”

“Mas existe.”

“Existir, existe, mas é uma palavra que só serve pra ser comprida, entendeu?”

Eu realmente gostava de ter aquela discussão muitas e muitas vezes.

Era engraçado como o sucesso profissional do meu pai me dava a falsa impressão de que a otorrinolaringologia estava em alta naquele período da minha infância, como *petshops* e empresas de segurança privada hoje. Não que a cidade inteira estivesse sofrendo com amigdalites, sinusites e tumores do canal auditivo, mas todos que um dia acordavam tossindo ou meio surdos pareciam já ter o número do meu pai na porta da geladeira. Sendo assim, quando alguém me fala sobre os tempos difíceis das poupanças congeladas, do dólar nas alturas, tudo o que consigo pensar é que o início dos anos 90 foi uma moleza na minha casa. Isso contribui para uma curiosa sensação de que sempre vivi a vida de cabeça para baixo; a decadência da maioria foi meu período mais próspero e, no momento em que as coisas começaram a melhorar ao redor, nossa família já estava em queda livre.

Ao dizer que nós três íamos para a serra com frequência, é claro que estou falando das cidades de Canela e Gramado. Poucos tentam algo diferente disso. Nessas viagens, meu pai era o cara que dirigia com o braço para fora, e minha mãe a mulher que achava que aquela não era uma postura correta e segura. Meu pai era o cara que via uma barraca e queria tomar caldo de cana e comer um pastel, e minha mãe era a mulher que o lembrava de que meus tios contavam conosco para o almoço.

Eu e Julia paramos para comer em um lugar na beira da estrada. Era um lugar implorando por uma visita, um pastiche de arquitetura alemã cuja frente estava sobrecarregada de vasos e anões de jardim e tapetes de couro quadriculado. Nós descemos do carro e inspiramos o ar fresco da serra, como se tivéssemos passado os últimos seis meses em uma caverna abafada. Dois cavaletes cravados no cascalho (“Experimente!”) não deixavam

dúvidas de que ali eles também serviam almoço, lanches, e que para levar havia queijo, salame, mel, cartões telefônicos, pilhas. “Simpático”, Julia falou. Eu pessoalmente acreditava que estabelecimentos comerciais que têm de tudo um pouco estão sempre passando um atestado de que não conseguiram prosperar em nenhum ramo específico, mas, ainda assim, tive que concordar. O entorno, pelo menos, era mesmo bonito. Andei uns passos à frente e olhei para o vale lá embaixo, salpicado de casas de madeira. Algumas chaminés fumegavam, alguns cães latiam, algumas crianças corriam ao redor de outra e, por causa dos seus braços esticados, palmas abertas, passos curtos, dava para supor que ela estava com uma venda nos olhos. Brincavam de cabra-cega. Julia se aproximou, arrastando os pés no cascalho.

“Talvez a gente deva procurar uma coisa fora da cidade”, eu disse. “Quando chegar em Antônio Prado.”

“Tipo cabanas?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Dois votos.”

Entre os dezoito e os vinte e um anos, acho que a gente tinha planejado a famosa Viagem sem Planejamento uma centena de vezes. E, quando uma coisa dessas se repete tanto assim, com variações mínimas, é natural que se compacte tudo em uma única memória poderosa, cujo cenário é determinado de modo aleatório — basta ter acontecido uma única vez no lugar em questão —, enquanto sua carga dramática vem da soma de todas as noites que acabaram nos levando à ideia da viagem, mais o número de anos que nos separam daquelas noites. Nesse caso, minha memória é a seguinte: eu e Julia deitadas no chão de um quarto quase sem móveis, no terceiro andar do pensionato Maria Imaculada. Estamos olhando para o teto. Do meu lado esquerdo há um toca-discos do qual a família de Julia estava pensando em se desfazer, e o vinil que está rodando um dia pertenc-

ceu ao irmão dela e embalou as festinhas em que os pais serviam Coca-Cola e um menino mais esperto que o resto calibrava os copos plásticos dos amigos com cachaça de butiá. *Houses of the Holy*, o álbum de 1973 do Led Zeppelin, viveu cercado por um Pink Floyd e um Metallica em um quarto típico de adolescente, no município de Soledade, que com frequência cheirava ao suor das camisas de futebol esquecidas sobre os móveis. Mas então o irmão de Julia supostamente parou de escutar música depois do casamento.

No dia em que ouvimos *Houses of the Holy* deitadas no chão, nos empolgamos mais uma vez com a Viagem sem Planejamento. Havia uma quantidade infinita de cidades desinteressantes a ser descobertas, e aquele disco parecia um combustível para nossos planos de liberdade. Mais uma vez, no entanto, nós não saímos do quarto, não descemos correndo as escadas, não alcançamos o carro antes de a faísca desaparecer. Para falar a verdade, continuamos olhando para o teto, embora o volume e o tom da nossa voz deixassem evidente uma boa dose de empolgação.

Era como se você passasse meses cogitando pintar o cabelo de azul, e de repente percebesse que tanto tempo cogitando, analisando, imaginando tinha acabado por satisfazer por completo seu desejo de rebeldia. Assim, a viagem ficava para outra hora, a uma distância segura da decepção, afinal ter o cabelo azul talvez não fosse um grande rompimento com a norma, e os lugares desinteressantes talvez fossem somente lugares desinteressantes, nada mais, e por isso mesmo é que quase ninguém ia até eles. Respirei fundo. Era o ar da serra, nós estávamos ali, com cinco ou seis anos de atraso, mas ali, finalmente ali. Tínhamos sobrevivido a uma briga que continuava pairando sobre nós, a Paris, a Montreal, à loucura das nossas famílias. Aquela viagem era mais um fracasso irresistível.